

# Meu pai tinha sangue indígena

Por Itala Gomes Vaz de Carvalho — (Filha do glorioso compositor Carlos Gomes).

Quando meu pai estava nos Estados Unidos, ocorreu algo surpreendente. Ao lado das manifestações incondicionalmente elogiosas, houve em Chicago quem manifestasse a estranha curiosidade de indagar quais eram as origens negras de Carlos Gomes!

A surpresa dos amigos brasileiros e do próprio maestro foi grande! Quem poderia ter dado ensejo a que um curioso jornalista musicólogo americano formulasse esta abrupta pergunta a não ser pela instigação de algum conterrâneo inimigo de Carlos Gomes, e de sua brilhante atuação na América do Norte, cômico do desprezo que se dispensava então aos homens de cor no país nosso amigo? e meu pai, ladeado pelos amigos Salvador de Mendonça e Júlio Brandão, concedeu a entrevista pedida.

Repetiu-se então a mesma relação de que o avô de Carlos Gomes, de origem hispano-portuguesa, tivesse fundado família obtendo numerosa prole de uma filha de cacique com que se consorciara em Parnaíba. Homem altivo e severo, Dom Antonio Gomes era possuidor de terras e de escravos que dirigia com rudeza, e o filho mais velho, Manuel, seguia-lhe as pegadas, vindo no entanto a perder os haveres da família em consequência de algumas imprudências de mocidade que o indispueram com um tio paterno, obrigando-o a deixar a cidade natal.

Após longa temporada que decorreu em São Paulo, onde se aperfeiçoou no estudo da música com o Mestre André da Silva Gomes, que lhe ensinou harmonia e rudimentos de contraponto, assim como a tocar diversos instrumentos de sôpro e cordas, Manuel José Gomes transportou-se para Campinas, onde de um segundo matrimônio com a linda jovem Fabiana Jaguarí Cardoso, também de origem indígena, teve ele os dois filhos varões José de Sant'Ana Gomes e Carlos Gomes, genuínos herdeiros de sua grande veia musical. O único retrato de Manéco Músico, tirado no Rio de Janeiro, por ocasião da estreia da "Noite do Castelo", primeira ópera de Carlos Gomes no teatro da Ópera Nacional, em 1861, mostra-nos um velho de feições severas, nariz afilado e olhar altaneiro sob uma horrenda cabeleira branca que mal lhe encobria o crânio inteiramente calvo.

As tradições indígenas eram soberanas na família de Manuel José Gomes, que, herdeiro de muitas armas, apetrechos e ornamentos indígenas que haviam pertencido aos seus maiores, os distribuiu entre os filhos como nobres brasones de sua origem eminentemente brasileira. Lembro-me bem de ter admirado sempre, em todas as nossas moradas na Itália, as "panóplas" formadas de arcos, flechas, tacapes, inúbias, colares e braceletes, tangas e diademas de penas multicores dos pássaros de nossas florestas, instrumentos de música e utensílios de cozinha das tribos indígenas a que pertenceram os antepassados índios de Carlos Gomes. Ele adorava esses troféus de sua estirpe, dos quais nunca se separou.

Em todo o grande cabedal artístico musical de Carlos Gomes: Música Sacra, ópe-

ras, operetas e Revistas, Poemas Sinfônicos, Marchas Militares, Música de Câmara e Danças, Bailados Característicos, etc., não se encontra nunca o ritmo do folclore africano sob nenhuma forma melódica ou dançante.

Ele é às vezes brutal e selvagem em sua orquestração, mas tem, outrossim, uma forte e inconfundível expressão agreste que se manifesta principalmente nos bailados, com um cunho de originalidade realmente selvagem, porém muito diferente das melopéias, ou dos requebros onomatopáicos, sempre melancólicos e arrastados das cadências africanas, tão facilmente reconhecíveis, e sendo a música a maneira certamente mais expressiva e sincera de exteriorizar a real individualidade do homem, torna-se evidente que Carlos Gomes não tem nenhuma ascendência negra. Ele é um brasileiro duplamente legítimo por ter sangue de selvícola, partilhando da seiva do índio brasileiro, que certamente lhe infundira aquele sentimento de intenso patriotismo que proclamou sempre com soberana altivez contra todos os ataques adversos que lhe desfecharam os seus contemporâneos, quer no próprio Brasil, quer no estrangeiro.

Os brasileiros descendentes de todas as raças brancas e do negro, que ocuparam o Brasil desde a sua descoberta, poderiam talvez, em iguais circunstâncias, não sentir o mesmo veemente apelo racial que Carlos Gomes sentira sempre inelutável, através de todos os meandros de sua atribulada vida de artista, obrigado a viver fora do seu país natal (ainda artisticamente embrionário), pela imperiosa necessidade de dar um ambiente adequado à sua própria arte, que de outro modo teria morrido.

Esse traço psicológico, de obstinado e tenaz patriotismo, é mais uma prova de que, longe de ser negro, e por conseguinte de evidente origem estrangeira no Brasil, Carlos Gomes é de uma forte raça indígena-brasileira, um legítimo filho das selvas, adorando os seus irmãos índios e suas florestas, como o demonstrou de tão eloquente maneira em suas duas lindas óperas de assunto pátrio brasileiro — O Escravo — e O Guarani.

Observe-se que na célebre ópera O Escravo, de Carlos Gomes, o protagonista é um índio tamoio escravizado, mas não um negro africano, como também no Guarani o protagonista "Peri" é um índio de raça tupi e que nestas duas magistrais obras operísticas, de libreto brasileiro, meu Pai exaltou sempre o caráter do nosso índio, como se fora um grito irresistível de sua natureza, ávida de enaltecer a sua raça de legítimo brasileiro. É mistér fazer com equidade a diferença entre o indígena brasileiro, homem de cor bronzeada pertencente às múltiplas tribos espalhadas pelo Brasil inteiro, do negro e de seus descendentes mestiços, progênie do africano trazido como escravo e que aqui se aclimatou a par de outras tantas raças de exploradores do continente sul-americano, que todavia não são absolutamente de origem brasileira.

Compreenda-se enfim que o índio brasileiro equivale ao **índio pele-vermelha** da Amé-

rica do Norte, assim como os nossos negros se comparam aos negros que também foram escravizados e levados para os Estados Unidos pelos primeiros colonizadores da América do Norte. Os ancestrais de Carlos Gomes, pois, são bem brasileiros, são indígenas das nossas florestas, como, aliás, resulta bem evidente do seu **estilo musical**, inteiramente alheio aos ritmos musicais africanos que se reconhecem frequentemente na música de quase todos os compositores das duas Américas.

Isto seja proclamado em prol da Verdade. Sem nenhuma intenção de fugir a qualquer preconceito de diminuição racial, pois, se Carlos Gomes fosse um negro retinto do Centro Africano, o Brasil poder-se-ia regozijar igualmente de o ter visto nascer sob o Céu Glorioso onde brilha o Cruzeiro do Sul.

Rio de Janeiro